

# África do Sul introduz guerra em Moçambique

27/3/82

N.

— afirma semanário português "Expresso"

«A África do Sul ataca Moçambique; negando-se a admitir publicamente que desencadeia a guerra; procurando dourar a pilula para estômagos ocidentais, sempre que um outro facto mais flagrante aparece à luz da publicidade», denuncia o semanário português «Expresso»; no seu mais recente editorial.

«Não há dúvida que a África do Sul, com ou sem Resistência Nacional Moçambicana, introduz a guerra em Moçambique», escreve o editorialista do «Expresso».

Depois de retrair a cumplicidade sul-africana com as agressões da Rodésia de Smith, o semanário português acusa Pretória de semear «o terror e a morte» em Moçambique, «servindo-se dos mais diversos pretextos».

Precisando que a auto-denominada RNM «não possui aviões, nem helicópteros, nem navios, em que se transportem os homens que fazem a guerra contra Moçambique», o «Expresso» conclui que é de facto a África do Sul o verdadeiro responsável pelas agressões.

«Soldados sul-africanos, até pintados de preto, já foram apanhados pela defesa moçambicana», sublinha o editorialista.

O semanário português observa que o Ocidente tem geralmente observado um silêncio cúmplice relativamente ao assunto, «talvez porque a Frelimo escolheu como modelo político de desenvolvimento o socialismo».

Por essa razão, escreve o semanário de Lisboa, «foi Moçambique classificado, no Ocidente, apressadamente, na zona soviética, como se de prateleira se tratasse».

«Esqueceu-se, no esquematismo primário, o modo de ser dos povos, cientes da sua personalidade, e confundiu-se amizade e determinados

princípios comuns, com clientelismo e seguidismo ao pé da letra, apesar da prática política do dia-a-dia não autorizar semelhantes ilações» comenta o jornal português no seu editorial intitulado: «A guerra contra Moçambique».

Depois de salientar que «entre um Moçambique, tipo socialista, e uma África do Sul racista, parece que o Ocidente prefere esta», o «Expresso» pergunta-se «em nome de que princípios poderá o regime do «apartheid» desencadear uma guerra contra um outro país e convencer as civilizações ocidentais que está a agir para bem da Humanidade ou dos direitos humanos?».

Referindo-se em seguida a Portugal, o editorialista escreve que

«também parece ser claro, para já, que uma parte não desprezível do movimento de guerra contra Moçambique é tecido em Lisboa».

Sublinhando as boas relações existentes entre Maputo e Lisboa, o jornalista observa que, no entanto, se desenvolve em território português «organização da guerra» contra a RFM.

«Será isto justo?», interroga o «Expresso», para concluir que a problemática é «muito delicada», e que «seria conveniente que os órgãos competentes se pronunciassem».

«Esses órgãos competentes, que não se podem escusar, chamam-se Presidência da República, Governo e Conselho da Revolução», precisa o semanário, acrescentando: «Ficámos à espera».

A terminar, o «Expresso» afirma: «Oxalá a guerra que está a flagelar Moçambique nos sirva de lição para reflectir, investigar, informar e não nos ficarmos pelas aparências».